

**O POSSÍVEL CASAMENTO ENTRE FILOSOFIA E
LITERATURA COMO RECURSO PEDAGÓGICO:
DISCUSSÕES SOBRE A NOVELA PADRE SÉRGIO DE LIEV
TOLSTÓI E O ENGAJAMENTO MORAL**

*Luana da Silva Seeger¹
Prof^a Dr^a Janyne Sattler²*

1. INTRODUÇÃO

*“Quanto mais separamos o filósofo do escritor, e ambos do
homem, tanto mais o pensamento se afasta da realidade.”*

(Jayme Pavani)

Este ensaio relata, de forma breve, elementos que julgamos aqui importantes para melhor compreendermos a relação existente entre a filosofia e a literatura. Dessa maneira, buscamos trazer o pensamento de alguns teóricos acerca do tema abordado, para que possamos fazer uma melhor análise do que foi estudado, esgotando na medida do possível e de acordo com sua relevância, os textos necessários à elaboração deste estudo. Dentre esses, temos a posição de Martha Nussbaum, Jeanne Marie Gagnebin e José Tadeu Batista de Souza.

¹ Acadêmica do 5º semestre do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e acadêmica do 7º semestre do Curso de Direito do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). E-mail: seegerluana@gmail.com

² Orientadora, professora da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: janynesattler@gmail.com

Além daqueles que se debruçam especificamente sobre a relação filosofia/literatura, se fazem ainda cruciais dois autores inscritos de maneira particular em cada um destes domínios: L. Tolstói e L. Wittgenstein.

Ressaltando sempre que o viés presente neste trabalho será o da ética, e que é dessa perspectiva que fazemos nossa análise, é a partir dessa relação existente entre esses dois nomes - ainda que se enquadre Wittgenstein e Tolstói como atuantes em domínios diferentes, ou seja, nas categorias de filósofo e escritor, respectivamente, - que buscamos evidenciar a aliança entre a literatura e a filosofia, concluindo, ainda que provisoriamente, que essas distintas “*formas de saber*” se complementam de tal forma que resultam num excelente recurso pedagógico, qual seja, uma aproximação da realidade, possibilitando, dessa forma, uma melhor compreensão dos fenômenos morais.

2. A RECÍPROCA RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA

“Uma abordagem bastante comum da problemática filosofia/literatura consiste em analisar a presença de teorias ou doutrinas filosóficas na obra de um escritor ou um poeta [...]” (GAGNEBIN, 2004, p. 11).

A partir do excerto acima, iniciamos a presente análise a respeito da concepção de que a filosofia pretende dar à literatura uma legitimidade que a própria literatura não teria por si mesma. Ou seja, a literatura seria meramente instrumental, no sentido de que lhe é possível expressar com delicadeza e acessibilidade aquilo que a filosofia não conseguiria em seu escopo teórico. Será, de fato, a literatura apenas um instrumento a que se recorre em situações onde a filosofia não consegue expressar ideias com a clareza e delicadeza “peculiar” com a qual aquela expressaria?

Valendo-nos do texto de Jeanne Marie Gagnebin (2004), temos reforçada a tese de que há forte tendência a delimitar uma “função” à literatura e outra à filosofia. Nesse sentido, a literatura ficaria responsável pela forma, sendo uma linguagem bela, porém vazia, e a filosofia pelo conteúdo, sendo uma linguagem dura e difícil, mas de grande poder intelectual. Essa compreensão reducionista da relação entre filosofia e literatura, ou melhor, da não aceitação de tal relação recíproca, é de todo problemática.

Problemática, pois não acreditamos que haja aqui uma hierarquização ou uma delimitação cerrada de função às duas áreas citadas. Contrariando essa tendência reducionista, entendemos que o que ocorre, de fato, é um consórcio entre a filosofia e a literatura, no qual essas são unidas por um *diálogo moral*, onde se complementam. Não há (ou não deveria haver) uma delimitação de funções ou hierarquização das mesmas. Essas duas são *formas de saber* e se unem em prol de objetivos morais comuns, como será mostrado mais adiante quando fizermos menção a Tolstói e à sua obra *Padre Sérgio*.

Alegar que a literatura não é capaz de produzir nada de importante, ou até mesmo de profundo, por ser apenas meio de comunicação artístico, um instrumento preocupado com a forma do discurso, é um raciocínio egoísta e prepotente daqueles que não enxergam para além dessa fronteira. Como bem expõe o professor José Tadeu Batista de Souza, em seu artigo intitulado *Filosofia e literatura entre abraços e socos: uma questão moral*, ao elencar uma série de pareceres a respeito dessa relação.

Dentre esses pareceres, destacamos um apontamento importante feito por esse autor: há uma linha, ainda que demasiadamente tênue, de separação entre a filosofia e a literatura, por ambas representarem domínios diferentes [de discurso]. Contudo, entendemos que andam juntas, uma complementando a outra, casando-se por um mesmo objetivo e, por isso, desempenhando um papel pedagógico igualmente importante na sociedade: “a

literatura e a filosofia são duas linguagens que têm a capacidade de dizer a mesma realidade” (SOUZA, 2009, p. 13)

Cabe ressaltar, neste momento, que não intencionamos, aqui, criar teorias afirmativas de que a literatura e a filosofia são o mesmo caso. Trata-se, no entanto, da seguinte finalidade: identificar de que forma pode ocorrer a união dessas duas áreas e de que forma tal evento pode contribuir para a sociedade contemporânea, a partir de um viés da filosofia moral. Por isso, a partir do nosso entendimento, afirmamos que a literatura e a filosofia são domínios diferentes e, justamente por isso, possuem inúmeros elementos que devem ser partilhados num episódio de trocas, preenchendo, assim, as lacunas de cada uma. Tal intercâmbio valoriza as diferenças como sendo algo positivo.

A esse respeito, trazemos ideias de outra importante figura que trata da relação entre filosofia e literatura: Martha Nussbaum. A partir de nossa leitura sobre o pensamento dessa autora, podemos afirmar que sua maneira de compreender a literatura nos leva a concluir que as questões tradicionais do racionalismo formalista e generalizador deixam obscuridades a respeito das dimensões da experiência moral, e que somente a literatura é capaz de torná-la visível.

Para tanto, Martha Nussbaum traz à tona um *gênero* literário de extrema importância para a filosofia: a novela. Esta entra na dinâmica do acontecimento da vida, fazendo perguntas e oferecendo respostas, de acordo com as ocorrências da experiência moral, trazendo enorme riqueza nas narrações literárias, aproximando-nos da realidade. Por meio da novela, podemos expor questões morais como, por exemplo, desejos, sentimentos, pensamentos, crenças e acontecimentos da vida das pessoas, fomentando a dinâmica da moralidade, as quais não seriam possíveis por outra via, atingindo, desse modo, uma dimensão social coletiva, abrangendo um maior número de

pessoas. Aliás, cabe ressaltar que o próprio sentido de coletividade pode ser, segundo Nussbaum, constituído a partir da literatura, com a novela, sobretudo.

Em um artigo intitulado “A imaginação literária na vida pública”, Martha Nussbaum, afirma que “só a imaginação proporcionada pelas novelas – e não pelos livros de economia política – pode ser a base para governar adequadamente um país de pessoas livres e iguais ou para desenvolver nossa vida cotidiana como cidadãos” (NUSSBAUM, 1995, p. 42). Tal excerto evidencia que a maior compreensão da realidade obtida pelo casamento entre a filosofia e a literatura resulta em uma vida mais cidadã, melhor para o mundo onde vivemos. Pois é a partir da aproximação da realidade que encontramos nessa união entre essas áreas do saber, que iremos desenvolver imaginações e chegaremos a conclusões, as quais nos possibilitarão uma melhor compreensão e um melhor desempenho no mundo.

Sendo assim, a literatura como um todo é de crucial importância para a filosofia. Mas, ressaltamos, neste ensaio, o *gênero* literário da novela, o qual adentra, sem qualquer cerimônia, nas supracitadas questões da filosofia moral, seja fazendo perguntas ou oferecendo respostas a essas questões. Com isso será possível analisar na seção seguinte, a partir da novela *Padre Sérgio*, de Liev Tolstói, evidências de que a relação entre filosofia e literatura resulta de um matrimônio do qual nasce um importante recurso pedagógico para tratar de questões morais, trazendo, assim, possibilidades de melhor desenvolver nossa vida cotidiana como cidadãos.

3. A LITERATURA DE LIEV TOLSTÓI NA NOVELA “PADRE SÉRGIO” TRATANDO DE QUESTÕES DA FILOSOFIA MORAL

Liev Tolstói, conhecido escritor russo, nasceu em Yasnáia Poliana no dia nove de setembro de 1828. Foi militar, participando da Guerra da Crimeia;

viveu um tempo na cidade, mas logo se mudou para o campo e lá ficou até o final da sua vida, quando, fugindo, morreu a caminho de um monastério. Escreveu obras como *Guerra e Paz*, *Ana Karenina*, *Padre Sérgio* e *Confissões*. Todas estas obras tratam de questões da filosofia moral e, nitidamente, relatam importantes experiências morais de diversos momentos de sua própria vida.

Esse escritor também é bastante conhecido por suas propostas de revolução pacífica como forma de solucionar os problemas sociais. Segundo descreve Stefan Zweig, Tolstói propunha

[...] uma revolta vinda da consciência, uma revolta realizada pela renúncia espontânea dos ricos às riquezas, dos ociosos à inação, pela própria redistribuição do trabalho segundo o sentido expresso por Deus: onde ninguém se ache sobrecarregado para alijar a outrem, e todos tenham somente as mesmas necessidades. (ZEWIG, 1954, p. 24)

Esse é apenas um dos pontos presentes nas obras de Tolstói, sobretudo na obra *Padre Sérgio*, a qual trata justamente dessa renúncia à riqueza. Nessa novela, Tolstói dedica-se a relatar delicadamente diversas experiências morais vividas pelos personagens na busca de um sentido para a vida.

O personagem principal, Padre Sérgio, primeiramente chamado de Stiepán Kassátski, passa por diferentes *formas* de vida: militar, monge e peregrino, sendo esta última concluída pelo próprio personagem como a verdadeira forma de vida digna. Liev Tolstói dedica-se aí a temas como orgulho, vaidade, caridade, fé, humildade e simplicidade. Além disso, relata momentos em que Kassátski sente-se orgulhoso por ser humilde e simples, havendo, nesse evento, um paradoxo vivenciado pelo personagem. Mas o ponto mais importante dessa obra dedica-se a abordar questões ligadas à fé. Fé esta que, mais adiante, vem a ser (na visão aqui apresentada, utilizando-se de alguns fragmentos do pensamento de Wittgenstein e de estudiosos deste)

como possível virtude, quando desencadeia um engajamento moral do possuidor desta fé, com o mundo.

Em uma passagem do livro *Padre Sérgio* – a qual consideramos mais importante – o personagem principal, depois de reencontrar sua prima Páchenka, reflete a respeito da vida que levou e da vida que a prima leva, e assim conclui:

Páchenka é o que eu deveria ser e não fui. Vivi para os homens a pretexto de viver para Deus, ela vive para Deus achando que vive para as pessoas. Sim, uma boa ação, um copo d'água oferecido sem pensar em recompensa vale mais que tudo que fiz às pessoas. Mas não havia um quinhão de sinceridade no desejo de servir a Deus? – perguntava-se a si mesmo, e a resposta era: Sim, mas tudo isso era maculado e encoberto pela vaidade humana. Não há Deus para aqueles que, como eu, vivem para a vaidade humana. Vou procurá-Lo! (TOLSTÓI, 2010 p. 98)

A partir desse recorte da obra literária, podemos afirmar que, para Tolstói, a verdadeira devoção por Deus é a dos seres humanos pelos seres humanos enquanto realização plena do sentido da existência. É assim que o autor identifica a verdadeira presença de Deus. Na caridade, sem espera de recompensa, reside a verdadeira fé. Páchenka detém o verdadeiro sentimento religioso quando vive para Deus imaginando que vive para as pessoas.

É nesse momento que a literatura de Tolstói traz as questões da filosofia moral. A fé, quando desempenhada em função do engajamento moral, pode ser considerada uma virtude. E, para complementar esta relação da literatura com a filosofia moral, trazemos Wittgenstein. Para este, tanto quanto para Tolstói na referida obra, a fé pode ser considerada uma virtude ao realizar-se necessariamente como uma tarefa moral atribuída ao ser humano enquanto sua “função própria”, ou seja, a verdadeira função, ou o verdadeiro sentido da vida.

No mesmo sentido, Wittgenstein afirma que a vida, quando vivenciada no cumprimento de uma exigência moral e religiosa, só é dada com a doação de si para além de toda devoção pessoal e para além de todo individualismo.

Segundo esse filósofo, existem problemas diante do fato do mundo, o qual não depende da minha vontade. E, para esses problemas não conseguimos encontrar outra solução a não ser o próprio desaparecimento desse problema, quando encontramos um sentido para vida. No entanto, segundo Janyne Sattler, isso não significa dizer que esse problema vai desaparecer quando surgir uma resposta, mas que o sentido da vida pode ser encontrado pelo viés de uma atitude moral e religiosa (cf. SATTLER, 2014, p. 297).

Nas palavras do próprio Wittgenstein, no *Diário Filosófico*:

8.7.16 – Crer em um Deus significa compreender a pergunta pelo sentido da vida.

Crer em um Deus significa ver que os fatos do mundo ainda não resolvem tudo.

Crer em um Deus significa ver que a vida tem um sentido. (*Apud* Sattler, 2014, p. 297)

Assim, a fé enquanto busca por um sentido de vida assumiria um papel de legitimidade, como ocorre, por exemplo, com o príncipe Kassátski, quando percebe que a verdadeira vida encontra-se na humildade, na ação pelo outro, e não no isolamento da fé. Desse modo, o problema do sentido da vida, segundo Tolstói, enquanto personagem *Padre Sérgio*, desaparece quando este, vive e efetiva sua fé na ação pelo outro.

Partindo do ponto de vista desses dois escritores e entendendo-os por um viés da filosofia moral, acreditamos que para que a fé tenha essa legitimidade e seja considerada uma virtude, ela não deve somente estar reclusa dentro do indivíduo, como fazia *Padre Sérgio* quando estava isolado no

monastério. A fé de que tratam Wittgenstein e Tolstói tem sua efetivação e legitimação quando atingir outras esferas da sociedade, pois assim encontraremos a solução para o problema do fato do mundo, que consiste na busca por um sentido da vida e, por consequência, no engajamento moral enquanto ação que *reflete* nos demais indivíduos a aceitação do mundo como nos é dado, possibilitando, assim, melhor convívio e possibilidades de desenvolver de forma melhor nossa vida cotidiana como cidadãos.

Por fim, identificamos nesse momento o recurso pedagógico que foi acima abordado, qual seja, uma aproximação da realidade e melhor compreensão da mesma. Por meio da obra de Tolstói podemos visualizar o que Wittgenstein nos diz quando trata da procura por um sentido de vida.

4. CONCLUSÃO

Procuramos demonstrar a relevância da aliança entre a literatura e a filosofia, explicitando como a primeira pode ser vital para a segunda, e vice-versa. Essa complementação ocorrida entre tais formas de saber resulta em um interessante recurso pedagógico, como foi mostrado na relação entre Tolstói e Wittgenstein, no que tange à filosofia moral. Tal recurso, como vimos, consiste na aproximação com a realidade e melhor compreensão dos fenômenos sociais que ocorrem no cotidiano da sociedade contemporânea.

A literatura não se reduz ao papel instrumental, servindo como meio. No entanto, está ancorada como complementar à filosofia, bem como esta complementa aquela. É importante que se veja essas formas de saber como unidas, em um possível casamento que resulta em um recurso pedagógico viável. O livro *Padre Sérgio* de Tolstói é grande evidência desse recurso. E como evidencia Martha Nussbaum, por meio da novela, podemos expor questões morais e acontecimentos da vida das pessoas os quais não seriam possíveis por outra via, atingindo uma dimensão social coletiva, abrangendo um maior

número de pessoas e possibilitando que haja maior interação entre os indivíduos.

Por fim, concluímos que, partindo do entendimento de Nussbaum, da filosofia de Wittgenstein e da literatura de Tolstói, podemos afirmar que, sim, a relação existente entre filosofia e literatura, principalmente quando se dá com o *gênero* literário novela, desencadeia um importante recurso pedagógico. E, mais, se nos apropriarmos da teoria de Wittgenstein a respeito da solução para o problema do sentido da vida estar na fé, conseguimos melhor aproximar essa teoria da realidade quando lemos a obra de Tolstói, por exemplo. Assim, a partir dessa aproximação entre essas duas áreas do saber, visualizamos melhor as questões da filosofia moral e conseguimos, de forma mais eficiente agir de forma moralmente engajada, contribuindo para a coletividade e cumprindo nossa função própria como ser humano e encontrando sentido para a vida.³

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **As formas literárias da Filosofia**. Porto Alegre: Epicuro, 2004.

NUSSBAUM, Martha C. **Fronteiras da Justiça: Deficiência, Nacionalidade, Pertencimento a Espécie**. Trad. de Susana de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SATTLER, Janyne. *Diante do caminho do mundo*. In: MARTÍNEZ, Horacio Luján; SPICA, Marciano Adilio (Orgs.). **Religião em um mundo plural: debates desde a filosofia**. Pelotas: NEPFil/UFPEl, 2014, pp. 283-316.

³ Cabe aqui ressaltar que este ensaio se detém em abordar questões básicas discutidas em aula, ainda que se pretendamos aprimorar esses estudos e essas leituras acerca desse tema. Por esse motivo, o que foi aqui mostrado não passa de conclusões preliminares a partir de interpretações também preliminares.

SOUZA, José Tadeu Batista de. *Filosofia e literatura entre abraços e socos: uma questão moral*. In: **Ágora Filosófica**. Recife, v. 9, n. 2, 2009, pp. 7-38.

TOLSTÓI, Liev. **Padre Sérgio**. Tradução de Beatriz Morabito. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de Luís Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1994.

ZWEIG, Stefan. **O Pensamento Vivo de Tolstoi**. Biblioteca do Pensamento vivo. São Paulo: Martins, 1967.